

PLANTÃO PSICOLÓGICO - NOVOS MODELOS DE ENSINO PARA NOVAS FORMAS DE ATUAÇÃO

Verena Augustin Hoch

Resumo

Pensar em psicoterapia requer de nós, psicólogos, uma reflexão sobre o que compreendemos sobre esta prática, assim como pensar no ensino da psicologia nos remete a refletir sobre como pretendemos inserir novos psicólogos em um mercado de trabalho que nos exige criatividade, comprometimento, cuidado e compromisso social. Ao longo da história da psicologia, a prática da psicoterapia esteve voltada para o atendimento individual, com proposta de um processo com início, meio e fim, necessitando, do profissional, conhecimentos sobre técnicas específicas e tendo como pressuposto o modelo médico de atuação, focado no diagnóstico e cura da doença. A conquista de espaços dentro da saúde pública e saúde mental e a inserção dos psicólogos nos mais diversos campos de atuação tem nos exigido refletir sobre nosso papel dentro de uma perspectiva política e social, com foco na saúde - esta, compreendida dentro de um conceito ampliado, isto é, a saúde não como mera ausência de doenças. Além do mais, se desejamos que nossa profissão seja identificada com uma postura que liberta e não aprisiona e que embasa sua prática na liberdade e na responsabilidade de cada pessoa sobre seu existir, temos que ter clara a visão de homem que irá dar suporte a esta prática, que possibilita a inclusão e a cidadania, que promove a justiça social e os direitos humanos - facilitando para que as pessoas e suas comunidades sejam, cada vez mais, participativas e comprometidas com as questões que envolvem a sociedade como um todo. As experiências no atendimento às pessoas em seus mais variados âmbitos têm modificado nossa forma de conceber a prática e o

ensino da psicologia. A psicoterapia pode ser vista como uma prática que privilegia o encontro entre duas ou mais pessoas – isto é, quando focamos no encontro estamos falando em uma relação que se estabelece, não apenas entre duas pessoas, como na prática psicoterapêutica individual – ela pode se estender a um grupo de pessoas. Ao conceber o encontro, a ênfase se dá na própria relação estabelecida entre duas ou mais pessoas e onde não existe o poder de uma sobre a outra. Ao se privilegiar o encontro, se aproveita ao máximo a potencialidade deste encontro e a psicoterapia não necessita ser um processo longo e interminável. Vista desta forma, a psicoterapia é construída no processo ou na presença ou ausência deste processo. Assim como a prática, o ensino desta prática poderá ser construído por quem ensina e por quem apreende, isto é, o ensino pode ser construído através das várias experiências compartilhadas pelos alunos e professores. A ideia da construção pressupõe criatividade, experiência e ousadia, tanto do profissional psicólogo, do psicólogo em formação quanto do usuário dos serviços da psicologia ou psicoterapia – esta ideia requer, no entanto, abertura de todos nós psicólogos para uma nova concepção da prática, do ensino e da pesquisa – uma abertura para questionar velhos fazeres e ousar novas possibilidades. A psicoterapia, vista como um processo de longa duração, com uma sessão semansal, que se inicia com um diagnóstico cuja conclusão pode levar até cinco sessões, é um processo centrado na queixa e no sintoma, ou seja – na doença. Experiências na clínica particular quanto nas clínicas escola ou nos diversos serviços de psicologia, têm demonstrado que este modelo é ultrapassado e disfuncional, além de não levar em conta a necessidade da pessoa que busca ajuda. Algumas experiências de institutos ou clínicas de formação de psicoterapeutas relatam que muitas pessoas vêm para a primeira entrevista, permanecem em poucas sessões e não retornam para o serviço – ao se se contatar estas pessoas, se constata que não são raros os relatos de que a pessoa ficou extremamente satisfeita com o atendimento e não sente necessidade de retornar, contrapondo a ideia inicial de insucesso. A partir destas e outras constatações surgiu a ideia do plantão psicológico – ou psicoterapia de sessão única. Outra experiência a ser considerada é a prática da psicologia no hospital – onde se trabalha o máximo de cada encontro porque o que temos é o momento – não sabemos se o paciente vai continuar internado, quanto tempo irá permanecer no hospital ou quantos dias de vida ainda terá pela frente. Também, temos a necessidade de pensar em

práticas para as intervenções em crises e psicologia das emergências e desastres. Assim, por um lado percebemos uma comunidade carente de escuta, por outro, o acadêmico com o desejo de colocar em prática o que estudou, além de uma professora buscando desenvolver habilidades no psicólogo em formação - Surge, desta forma, a ideia do Plantão Psicológico como uma ferramenta capaz de trazer a prática para a sala de aula - um componente que seria apenas teórico, se transforma em um momento incrível de exercício da aprendizagem através da escuta e das discussões de casos, que possibilita ao acadêmico, a partir da prática no plantão, trabalhar seus medos e ansiedades, enfrentando, de forma mais tranquila, seu ingresso no estágio.

E-mails - verena.hoch@unoesc.edu.br